

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas / Organizadores Joaquim dos Santos, Jéssica Correia Duarte Nuvens, Antonio Carlos Dias de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-772-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.724211412>

1. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Nuvens, Jéssica Correia Duarte (Organizadora). III. Oliveira, Antonio Carlos Dias de (Organizador). IV. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado das pesquisas produzidas por diferentes estudiosos, de várias áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil. Com a mesma relevância, o livro conta com capítulos assinados por investigadores estrangeiros, cujas análises são significativas para o rompimento de fronteiras espaciais e culturais a respeito do tripé que sustenta esta obra, pois as relações dialógicas entre diferentes saberes e sujeitos produtores de conhecimento científico são essenciais para o fortalecimento do debate e sua apropriação política, cultural, social, a fim de promover transformações sociais.

Os textos reunidos trazem à baila a compreensão do debate indissociável entre gênero, raça, classe e sexualidade. Esses marcadores sociais da diferença são postos estando imersos na(s) cultura(s), em seu amplo sentido: como modos de ser e viver o mundo. Como um mosaico constituído e marcado pelas diferenças, o livro agrega trabalhos de História, Educação, Direito, Psicologia, Economia, Linguística, Educação Física e Enfermagem. Isso reforça o caráter interdisciplinar e transdisciplinar desse debate.

Nessa trilha, há pesquisas sobre as desigualdades de gênero nas teorias de justiça; (in)visibilidade de gênero nos planos municipais de educação; sexualidades na pré-adolescência; construção das masculinidades e sofrimento psíquico; escritas de si de um professor negro; trajetórias de vidas de pais adolescentes; violência contra as mulheres e os mecanismos contra homens violentos; violência doméstica; gênero e políticas públicas de saúde; crime de importunação sexual; feminicídio e construção de santidade feminina; bonecas negras e processos de empoderamento; relações de gênero no mercado de trabalho; e transexualidade e esporte.

Desejamos que esses escritos sejam lidos e apropriados nos diferentes processos de lutas políticas, econômicas, sociais e culturais. Com a mesma relevância, almejamos que eles sejam pontes de comunicação para a formação de consciência crítica no tocante à equidade de gênero na contemporaneidade, bem como concernente ao enfrentamento das diversas formas de violências vividas por sujeitos considerados integrantes das “minorias” sociais.


Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA E SUA EXCLUSÃO DO CONTRATO SOCIAL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO OBJETO DAS MODERNAS TEORIAS DE JUSTIÇA


Katarina Karol Brazil de Melo Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114121>

CAPÍTULO 2..... 15

O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E A POPULARIZAÇÃO DAS TEORIAS FEMINISTAS


Júlia Salles Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114122>

CAPÍTULO 3..... 26

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO PROBLEMA PÚBLICO: UMA ABORDAGEM PARA CONSTRUIR UM PROBLEMA, A GERAÇÃO DE UM MARCO JURÍDICO DE AÇÃO E INTERVENÇÃO COM HOMENS VIOLENTOS NO MÉXICO

Felipe Eduardo Reyes Pérez Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114123>


CAPÍTULO 4..... 42

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE DA MULHER NO BRASIL E NO MUNDO

Aline Eggers

Roberto Vinícius Silva Saraiva

Evania Romanosky


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114124>

CAPÍTULO 5..... 53

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Sandra Natalie Silva


João Diógenes Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114125>

CAPÍTULO 6..... 64

'REPRESENTAÇÕES NEGRAS IMPORTAM': BONECAS DE MODA E AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Janaíne dos Santos Rolim


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114126>

CAPÍTULO 7..... 78

MARTÍRIO, CASTIDADE E FEMINICÍDIO NO CEARÁ: O CASO DE BENIGNA CARDOSO

Jéssica Correia Duarte Nuvens


Joaquim dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114127>

CAPÍTULO 8..... 90

“VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER CALADO (A)”: A (IN)VISIBILIDADE DE GÊNERO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO ALAGOANO


Amanda Monteiro Melo
Micheline Marques Alves
Fernanda Braga Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114128>

CAPÍTULO 9..... 103

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE


Cláudio José Araújo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114129>

CAPÍTULO 10..... 116

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES


Diary Igor Panta Marques
Marcus Cezar de Borba Belmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141210>

CAPÍTULO 11..... 132

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES


Ana Laura Cafaro Mango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141211>

CAPÍTULO 12..... 143

SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA


Nolasco Marcela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141212>

CAPÍTULO 13..... 154

O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

Aline Aparecida de Souza Ribeiro
Natália Rodrigues Reis
Priscila Gonçalves Soares


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141213>

CAPÍTULO 14..... 164

IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Lorena de Sousa Marques
Tarcísio da Costa Lobato

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos
Andréa Simone Rente Leão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141214>

SOBRE OS ORGANIZADORES	177
ÍNDICE REMISSIVO.....	179

CAPÍTULO 5

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Data de aceite: 01/12/2021

Sandra Natalie Silva

João Diógenes Ferreira dos Santos

RESUMO: Este artigo tem a pretensão de analisar os processos de violência doméstica e suas características dentro do contexto familiar, apresentado conceitos de diversos autores com interpretações diversas. Escolhemos uma abordagem com ênfase nas categorias sociais, tais como: poder, obediência, violência, gênero e geração, sob uma perspectiva interdisciplinar, possibilitando a construção de uma visão ampliada e complexa sobre o fenômeno. Utilizamos como fonte de pesquisa os casos de crianças e adolescentes, vítimas de violência doméstica, em especial a violência sexual, atendidas pelo Conselho Tutelar e CREAS, Vara da Infância, Promotoria e Delegacia da Mulher da Cidade de Vitória da Conquista-BA, a partir das narrativas dos agentes públicos desses órgãos e os dados fornecidos pelos mesmos, no sentido de quantificar os índices de violência sexual e qualificar os aspectos referentes ao abuso sexual de crianças e adolescentes, bem como identificando políticas públicas implantadas em Vitória da Conquista-BA. Com base no diálogo teórico com os dados empíricos da pesquisa, concluímos que a violência, tecida no ambiente familiar, principalmente, o abuso sexual que atinge crianças e adolescentes, tem como alicerce a desigualdade de gênero, a diferença geracional, questões sociais e econômicas e falta de eficiência e eficácia das políticas públicas de combate dessa manifestação da violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica – Abuso Sexual – Criança e Adolescente.

DOMESTIC VIOLENCE AND THE INTERFACE WITH THE GENDER RELATIONSHIP AND THE GENERATION

ABSTRACT: This article intends to analyze the domestic violence processes and their characteristics within the family context, presenting concepts from different authors with different interpretations. We chose an approach with an emphasis on social categories, such as: power, obedience, violence, gender and generation, from an interdisciplinary perspective, enabling the construction of an expanded and complex view of the phenomenon. We used as a research source the cases of children victims of violence, attended by the Guardianship Council and CREAS, Child Court, Prosecutor's Office and Women's Police Station in the city of Vitória da Conquista-BA. Taking into account the data provided by the referred bodies, in order to quantify the sexual violence indexes and to qualify the aspects referring to the sexual abuse of children and adolescents, as well as identifying public policies implemented in

the city.

KEYWORDS: Domestic violence - Sexual abuse - Child and Adolescent.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de compreender sobre os temas violência, especialmente da violência doméstica com enfoque na violência sexual, buscando uma visão geral do enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes de forma intra e extrafamiliar.

Autores conferem ao tema violência sentidos diversos: violência como fato social, violência como conflito e violência como relações sociais. A violência, por vezes, é tratada como uma forma de reação instintiva, derivada de comportamentos herdados que um dia serviram à preservação da espécie. Teríamos, assim, de nos conformar em delegar à evolução a tarefa de depurar o instinto de suas formas mal adaptativas.

Outros estudos destacam os efeitos da violência sobre o processo civilizatório e sustentam que alguma forma de controle social, externo ao indivíduo, é necessária para que ela seja mantida sob controle.¹ Os reflexos dessa linha de análise no plano intersubjetivo levam a interpretar a violência como uma força que se opõe à espontaneidade, à naturalidade, à responsabilidade jurídica e à liberdade moral², constituindo-se, assim, em forma de controle, uma vez que, por seu intermédio, uma pessoa submete à outra, seja pela força física, seja por “constrangimento psicológico”, numa demonstração de poder³. Como denominador comum, a violência é identificada a uma não humanidade⁴.

CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Nos anos de 80 a 90, conceituou-se a violência como uma representação marcada pela perda de legitimidade⁵. Supõe-se que toda ação possível de ser designada como violenta é pura força destruidora. A violência não busca, não diz, não propõe. Ela é vandalismo. É preciso banir seu texto, e fazer calar seu discurso, que supostamente nada tem a anunciar⁶.

Considerando os argumentos acima, seria possível trabalhar sobre a hipótese de que a violência pode constituir-se afinal não como um mero ato destrutivo, mas, ao contrário, como um ato de produção de sentido. Ela equivaleria a um discurso por intermédio do

1 Uma ilustração desse ponto de vista pode ser encontrada em Thornhill et al (1992), que entendem o estupro como um comportamento evolutivo facultativo (...) usado por homens com menor habilidade em competir pelos recursos e/ou pelo status que é importante para atrair parceiras e reproduzir. No Brasil, Flores e Caminha (1994) sustentam a mesma opinião: para eles o estupro pode ser um recurso adaptativo usado por machos com precárias habilidades de competição (apud Amazarray, 1998).

2 GUERRA, Viviane de Azevedo. *Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas*. São Paulo: Cortez, 1985.

3 GUERRA, Viviane de Azevedo. *Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas*. São Paulo: Cortez, 1985.

4 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

5 WIEVIORKA, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, 9, n. 1, maio 1997, p. 5-41.

6 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

qual, e malgrado a validade dos meios que usa⁷, produz ou ao menos visa produzir uma transformação sobre o meio em que se inscreve, ou mesmo a recuperação da continuidade rompida nas sociedades complexas⁸.

Faleiros⁹ afirma que a violência contra a infância se “inscreve no arcabouço cultural e institucional da sociedade” e se define como relação de poder que se constitui socialmente, reafirma o sentido de dominação do pai/padrasto, daquele que possui o poder em face da submissão da criança. Esta prática de autoritarismo e impunidade encontra-se enraizada na sociedade brasileira, na dinâmica mesma das relações entre dominantes e dominados.

Abromovay¹⁰ sublinha que a violência é um fenômeno multifacetado que atinge as integridades físicas, psíquicas, emocionais e simbólicas dos indivíduos ou grupos, nas diversas esferas sociais, tanto no espaço público como no privado. Nesta perspectiva, alguns acontecimentos socialmente aceitos como “naturais” passaram a ser nomeados como violência, tais como: agressões físicas e psicológicas contra mulheres e crianças, e a violência simbólica contra grupos, ou categorias étnico-raciais.

Recorreremos ao conceito de violência em Hannah Arendt (1994) e Marilena Chauí (1999), pretendendo construir um caminho para compreendermos a violência doméstica.

O Conceito de Violência em Hannah Arendt Em Sobre a Violência, Arendt¹¹ distingue cinco palavras que, muitas vezes, costumamos usar como sinônimas: “poder, vigor, força, autoridade” e violência. Poder, diz ela, corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo se conserva unido¹². O “vigor, enquanto entidade individual é definido como a propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação com outras coisas ou pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas¹³. Já força, termo destacado pela autora como o sinônimo de violência mais utilizado no discurso cotidiano, deveria ser reservado, na linguagem terminológica, às forças da natureza ou à força das circunstâncias, isto é, deveria indicar a energia liberada por movimentos físicos ou sociais¹⁴. A autoridade pode ser investida em pessoas ou postos hierárquicos, e sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias. Finalmente, a violência distingue-se de todos os demais termos pelo seu caráter instrumental, estando “próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e

7 Quando submete a violência à análise segundo os critérios de meios e fins, Benjamin (1990, p.139) termina por sugerir que a crítica da violência é a filosofia de sua história, porque somente a ideia do seu final permite um enfoque crítico, diferenciador e decisivo de suas datas temporais.

8 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

9 FALEIROS, E. T. S. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: Thesaurus, 2000, p 7.

10 ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. *O que é um grupo focal*. Mimeo, 2000.

11 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

12 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.36.

13 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p 37.

14 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.37.

usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo”¹⁵.

PODER E VIOLÊNCIA

Refletindo sobre a relação entre poder e violência, concluímos que, para Arendt, não é a violência que gera o poder, pelo contrário, ela aparece quando o poder está ameaçado: “poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente”¹⁶. Distinguindo “poder” de “violência”, a filósofa alemã diz: “uma das mais óbvias distinções entre poder e violência é a de que o poder sempre depende dos números, enquanto a violência, até certo ponto, pode operar sem eles, porque se assenta em implementos” (p. 35)¹⁷. Ela ainda complementa: “A forma extrema do poder é o Todos contra Um, a forma extrema de violência é o Um contra Todos”¹⁸.

Chauí apresenta pontos que tornam oculta a violência.

Dessa forma, as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, o autoritarismo que regula as relações sociais, a corrupção como forma de funcionamento das instituições, o racismo, o sexismo, as intolerâncias religiosas, sexual e política não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta, e, por isso, a violência aparece como um fato esporádico superável¹⁹.

Nesse contexto, e para que se entenda a dimensão da violência doméstica, queremos ressaltar a definição de violência como: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito²⁰.

Acatando essa definição dada por Chauí, amplia-se o entendimento sobre a violência e a magnitude desse fenômeno em nossa sociedade, mas, de forma genérica, a violência é entendida como aquilo que “se constitui na intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo”²¹, com o agravante de que se “pressupõe, em tese, que a intervenção seja voluntária ou intencional por parte do agente que a exerce, apesar da emotividade que pode acompanhá-la”. Sabemos, porém, que o Direito prescreve outras modalidades de violência; muitas, contudo, não têm sequer padrões sob os quais os

15 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.37.

16 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.44.

17 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 (ARENDT, p.35)

18 ARENDT, H. *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 (ARENDT, P.35)

19 CHAUI, M. Uma Ideologia Perversa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 1999

20 CHAUI, M. Uma Ideologia Perversa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 1999

21 ALVES, A. C. A Violência Oculta na Violência Visível: a Erosão da Lei numa Ordem Injusta. In Pinheiro, P. S. (org.). *São Paulo sem Medo: um Diagnóstico da Violência Urbana*. Rio de Janeiro: Garamond, 1998, p.247.

exames postos à disposição pela ciência possam constituir provas, como, por exemplo, a violência psicológica.

Refletindo sobre as ponderações de Chauí acerca da violência para um entendimento da violência doméstica, inferimos que na violência sexual, encontramos todos os atributos de violência elencados pela autora, tais como: o uso da força para ir contra a natureza de alguém, o ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém, o ato de violar a natureza de alguém, bem como o ato de transgredir contra o outro.

Para Ferrari²², a violência é todo ato que implica uma coisificação das relações, em que o outro é considerado um objeto e não um sujeito. Essa pessoa é submetida pela força e pela coerção, Baierl²³ atribui a violência como um fenômeno que sempre existiu na história do homem, em todos os tempos e espaços, assumindo formas e manifestações diferenciadas. Porém, se analisarmos cada situação em especial teremos um enfoque muito diversificado acerca da violência, conforme a sociedade e a época.

Observamos que nos conceitos sobre violência apresentados pelos autores Mannheim, Guerra, Minayo, Ferrari, Chauí, Arendt e outros citados, o conceito de violência é complexo, possuindo vários significados, mas com um ponto comum de entender esse fenômeno como violação da condição humana e a destituição da pessoa como sujeito de direitos.

A violência tem muitas caras, algumas disfarçadas de tradição, outras de moralidade, outras sem disfarce algum, mas sempre carregadas de poder que lhes permitam violentar em alguma extensão²⁴.

A violência tem interface com a relação de gênero, que se constituem, socialmente, desigual. Essa relação está associada aos marcadores sociais, como classe, étnico-racial, orientação sexual, região, religião, geracional, entre outros marcadores. Dentre as várias possibilidades de enquadramento do gênero, uma das que aparece com grande força e centralidade é a violência de gênero. O fenômeno da violência de gênero, especialmente a violência doméstica, não conhece, segundo Saffioti²⁵, fronteiras de nenhum tipo, nem de classe, nem de nível de industrialização de uma região ou país, nem do tipo de cultura ou grupo étnico-racial. De acordo com esta autora, é o mais democrático de todos os fenômenos sociais²⁶.

Nesta chave interpretativa, a violência doméstica é expressão das relações desiguais de gênero que atinge mulheres, crianças, adolescentes e demais moradores do espaço doméstico, que é a manifestação das relações de dominação masculina, padrão

22 FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). *Família brasileira, a base de tudo* (p.11-5), 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, Unicef, p.11-5, 2004.

23 BAIERL, L. *Medo Social: da violência visível ao invisível da violência*. São Paulo, Cortez, 2004.

24 STREY, Marlene Neves et al (Org.). *Construções e perspectivas em gênero*. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2000.

25 SAFFIOTI, H.I.B. No Fio da Navalha: Violência Contra Crianças e Adolescentes no Brasil Atual. Em F.R. Madeira (Org.), *Quem Mandou Nascer Mulher?*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos. 1997, pp. 134-211

26 SAFFIOTI, H.I.B., ALMEIDA, S.S. de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995

hegemônico em vigor. Como explica Saffioti, ela é ampla, pois abrange pessoas que vivem no mesmo domicílio, mas que nem sempre estão vinculadas por laços de parentesco. Abrange a mulher, os filhos, as filhas, a empregada e outras pessoas, moradoras do domicílio, parentes ou não, que convivem com a família. Por outro lado, não se restringe às quatro paredes de uma casa, pode ocorrer em outros espaços, como na rua, nos bares e até mesmo em frente ao local de trabalho da vítima. O lar é apenas um dos lugares de sua manifestação. Entretanto, a agressão perpetrada no seio da família é quase invisível, pois ocorre no espaço das relações afetivas, entre pessoas que integram ou integravam a mesma unidade de convivência²⁷.

Discorreremos acerca da violência doméstica de forma breve para entendermos os diversos tipos de violência, dentre eles, o abuso sexual.

Com base nos autores Guerra²⁸ e Assis²⁹, a violência doméstica impera na humanidade desde sempre. Como exemplos, transcrevemos duas afirmações dos autores acima: O fenômeno das relações violentas entre pais e filhos talvez tenha estado presente desde os primórdios da raça humana³⁰; e a violência sobre crianças e adolescentes acompanha a trajetória humana desde ao mais antigo registro³¹. Afirmações desse tipo são recorrentes em trabalhos sobre o tema da violência contra a criança. Elas se tornaram uma referência quase obrigatória, uma invocação do testemunho da história para desqualificar o discurso que ainda possa insistir em negar que a criança é um alvo privilegiado da violência, mesmo na família³².

Belsky³³ atribui a Bronfenbrenner³⁴ a grande alteração que se produziu, então, nos modelos que analisam a violência contra a criança. O abuso é hoje amplamente reconhecido como produto de múltiplas determinações, efeito de forças que atuam em conexão no indivíduo, na família, na comunidade e na cultura. Segundo a postulação de Bronfenbrenner, o que determina se o abuso vai ocorrer é o balanço entre fatores de stress (ou potencializadores ou de risco) e suporte (ou compensatórios, ou protetivos). Em outras palavras, tudo indica que a violência nunca pode ser atribuída a uma única causa, e, além disso, não há causas que possam ser definidas como condições necessárias ou suficientes para que o ato violento ocorra. Já se sabia que alguns traços da personalidade dos pais (depressão e ansiedade) precipitavam a violência, e que algumas características das crianças (temperamento difícil, retardo mental e hiperatividade) tornavam-nas vítimas

27 SAFFIOTI, H.I.B. No Fio da Navalha: Violência Contra Crianças e Adolescentes no Brasil Atual. Em F.R. Madeira (Org.), *Quem Mandou Nascer Mulher?*. São Paulo: Editora Rosa dos tempos. 1997. pp. 134-211

28 GUERRA, Viviane de Azevedo. *Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas*. São Paulo: Cortez, 1985.

29 ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 126-134, 1994.

30 GUERRA, Viviane de Azevedo. *Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas*. São Paulo: Cortez, 1985, p13.

31 ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 126-134, 1994.

32 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

33 BELSKY, J. Child. Maltratante: na ecological Integration. *American Psychologist*, v. n.4 abr.1980, p. 320-325.

34 BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. São Paulo: Artmed, 1996, p.9.

preferenciais do abuso, da violência doméstica³⁵.

Como afirmamos anteriormente, a violência doméstica está presente em todas as classes sociais e resulta de um conflito previsto nas relações de gênero, ou de gerações. Decorre de uma forma de lidar com as desigualdades, na qual as diferenças são transformadas na relação entre superiores e inferiores e/ou onde o mais fraco é tratado enquanto “coisa”³⁶.

Analisando a violência doméstica, não podemos deixar de explicitar a ineficiência da justiça e das políticas públicas ofertadas às vítimas de tais abusos, por serem fatores que contribuem demasiadamente para a banalização da violência sexual na família e a sua consequente descriminalização.

Necessário faz, uma abordagem significativa e de forma resumida acerca da família, para uma compreensão das discussões sobre a violência sexual intrafamiliar.

A família, ideologicamente, constitui-se como espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos, das filhas e demais membros, independentemente do arranjo familiar. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais³⁷.

A situação das famílias é caracterizada por problemas sociais de naturezas diversas, tais como atentados frequentes aos direitos humanos, exploração e abuso, barreiras econômicas, sociais e culturais ao desenvolvimento integral de seus membros³⁸.

Podemos analisar que na família existe uma relação que se estabelece entre pais e filhos, que geralmente é pautada em hierarquia. As crianças e adolescentes na família se veem codificados por deveres, os quais, independentes da sua vontade, são impostos por uma linguagem de poder. Como se encontram em posição diferenciada com o adulto, a criança tem, muitas vezes, seus anseios e desejos castrados. Em face desse poder do pai sobre o filho, a filha é que se inicia, muitas vezes, o processo de abuso e dentre eles o abuso sexual.

Considerando os aspectos ensejadores da violência e ao refletir sobre a violência sexual ocorrida contra crianças e adolescentes dentro da família, observamos que, em muitos casos, ou na maioria deles, há uma cumplicidade da mãe ou da companheira em

35 MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

36 AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. (orgs). *Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder*, São Paulo: Iglu, 1989.

37 FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.) *Família brasileira, a base de tudo* (p.11-5), 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, Unicef, 2004, p.11-5.

38 FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.) *Família brasileira, a base de tudo* (p.11-5), 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, Unicef, 2004, p.11-5.

relação ao homem, incorreria em dizer que tal comportamento decorre da dependência econômica, social e afetiva ou do medo em acontecer a ruptura do relacionamento, tendo como punição a ruptura do lar, a exposição da família, a perda do enlace afetivo, ou todos os contextos.

De acordo com a afirmação da psicóloga do CREAS, uma vertente que não pode passar despercebido é a cumplicidade disfarçada em inveja, traição, ciúmes e culpa. Inveja e traição pela mãe por sentir trocada e traída pela filha, culpa por não possuir coragem de tomar atitudes em face da violência, reforçando o fracasso do papel materno. Em contrapartida, visualiza o silêncio da vítima em sentir culpa por trair a mãe/companheira e, ao mesmo tempo, raiva por não ser protegida. Há uma vitimização de todos os lados. (psicóloga do CREAS)³⁹

Analisando as desigualdades na família, como também as relações de cumplicidade dos membros familiares no sentido de ocultar o abuso sexual, há outro lado da violência sexual que está incutida na relação de poder, que subsiste nas relações familiares. Trata-se do jogo de sedução que o agressor pai/padrasto, mãe/madrasta, muitas vezes, realiza antes de manter qualquer tipo de relação sexual com filhos/enteados. Tal relação envolve sensualidade, desejo, troca de favores, e resultam desta relação sentimentos prazerosos à vítima, que, em muitos casos, posiciona o agressor como parceiro sexual. Não vislumbra as vítimas, nestes casos, que há uma relação de poder e agressão⁴⁰.

Analisando as desigualdades na família, bem como a relação de poder subsistente que muitas vezes resultam em violência, podemos somatizar a este contexto a memória individual e coletiva (presente na história de vida do pai ou mãe violentos). Uma intensificação da conduta destrutiva, quando predomina o ódio, o ressentimento, o abuso e a transgressão, é o mundo da tragédia relacional⁴¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade e as várias faces da violência intrafamiliar, com conceitos intrínsecos incutido num arcabouço cultural, concluímos que a sociedade ainda precisa evidenciar tal violência e criar estratégias para coibir os agressores, apenas a lei escrita, sem aplicabilidade não resolve o caos dessa invasão corporal e psicológica. Crianças e adolescentes estão sendo tolhidos em sua vivência, sendo obrigados a experimentarem a violação do seu corpo em desenvolvimento. Lidar com essa violação implica estarem inseridos em contexto social alicerçado pela desigualdade de gênero, a diferença geracional e o poder do adulto.

39 Entrevista realizada no CREAS de Vitória da Conquista em 18 de março de 2015.

40 Importante reconsiderar a responsabilidade dos agentes causadores de tais abusos, motivos estes diversos, como exemplo, terem sido violentadas, é uma possibilidade. Os que praticam tais condutas demonstram que são pessoas com dificuldades na área sexual e se perdem na prática da violência. Não raro, porém, influenciadas pelo meio, podem voltar a errar. Entrevista realizada com psicóloga do Conselho Tutelar Vitória da Conquista.

41 VICENTE, C. M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo. In: KALOUS-TIAN, S. M. (Org). *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1998. p.47-59.

O discurso e a prática das instituições governamentais ainda não conseguem superar as expectativas depositadas quanto à eficácia de seus trabalhos, pois os investimentos ainda são muito tímidos e a própria estrutura carece de profissionais capacitados para lidar com as situações diversas que ocorrem com as vítimas expostas a este tipo de violência.

Em análise, concluímos que a violência tecida no ambiente familiar é caracterizada por diversos problemas sociais, tais como desigualdade de gênero, adultocentrismo, silêncio, em alguns casos, a cumplicidade de outros membros adultos da família, ineficácia e ineficiência das políticas públicas de combate à violência, aviltamento aos direitos das crianças e dos adolescentes, que ocorre pelas políticas econômicas implementadas nos últimos anos.

Nesse sentido, destacamos a importância da rede de enfrentamento a violência, em especial os Centros de Atendimento Especializados em Vítimas de Violência, importantes políticas públicas que integrem estas redes de atenção. Esses serviços abrem a possibilidade de elaboração que reduziria a repetição de eventos violentos, reorganizando a vivência da estrutura familiar. É fundamental trabalhar com a gravidade do quadro apresentado e suas marcas, que ficam para resto da vida, única possibilidade de ressignificar essa experiência dolorosa e desamparadora que é a situação da violência doméstica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. & RUA, M. G. O que é um grupo focal. Mimeo, 2000.

ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In: FILMUS, D. et al. Violência na escola: América Latina e Caribe. Brasília: UNESCO, 2003.

ALVES, A. C. A Violência Oculta na Violência Visível: a Erosão da Lei numa Ordem Injusta. In Pinheiro, P. S. (org.). São Paulo sem Medo: um Diagnóstico da Violência Urbana. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

AMAZARRAY, M. R., & KOLLER, S. H. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 559-578.

AMAZARRAY, M. R. & KOLLER S. H. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre. 11(3), pp. 559-578.

ARENDDT, H. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 126-134, 1994.

AZEVEDO, M. A. (superv.). Pesquisando a violência doméstica contra crianças e adolescentes: a ponta do iceberg: dados de incidência e prevalência. Universidade de São Paulo (Usp)/ Instituto de Psicologia (Ip)/ Departamento de Psicologia da Aprendizagem/ Do Desenvolvimento e da Personalidade (Psa).

(S/d). 2003.

AZEVEDO, M. A. (coord.). Pesquisa qualitativa e violência doméstica contra crianças e adolescentes (VDCA): por que, como e para que investigar testemunhos de sobreviventes. Universidade de São Paulo (Usp)/ Instituto de Psicologia (Ip)/ Departamento de Psicologia da Aprendizagem/ Do Desenvolvimento e da Personalidade (Psa). 2004.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. Infância e violência doméstica - Módulos 1-8 A/B. São Paulo: Telelaci, 2003.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. (orgs). Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder, São Paulo: Iglu, 1989.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V. N. A. Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez editora, 1997.

BAIERL, L. Medo Social: da violência visível ao invisível da violência. São Paulo, Cortez, 2004.

BELSKY, J. Child Maltratante: na ecological Integration. American Psychologist, v, n.4, p. 320-325, apr.1980.

BERGER, P. 1985. O dossel sagrado. São Paulo, Paulinas, p. 15-41

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. São Paulo: Artmed, 1996.

CHAUÍ, M. Uma Ideologia Perversa. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 1999, 14 de março.

FALEIROS, E. T. S. Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Thesaurus, 2000.

FERRARI, D. C. A., & Vecina, T. C. C. (2002). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.) Família brasileira, a base de tudo (p.11-5), 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, Unicef, p.11-5, 2004.

Friedrick Hacker.; Agresión, Published by Grijalbo, España (1973),ISBN 10: 8425302714 ISBN 13: 9788425302718

GUERRA, Viviane de Azevedo. Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas. São Paulo: Cortez, 1985.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

SAFFIOTI, H.I.B. (1997). No Fio da Navalha: Violência Contra Crianças e Adolescentes no Brasil Atual. Em F.R. Madeira (Org.), Quem Mandou Nascer Mulher? (pp. 134-211). São Paulo: Editora Rosa dos Tempos.

SAFFIOTI, H.I.B. (1995) Circuito Fechado: Abuso Sexual Incestuoso, In: *Mulheres Vigiadas e Castigadas*. São Paulo: CLADEM-Brasil, 1995. p.271-353.

SAFFIOTI, H.I.B., ALMEIDA, S.S. de. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995

STREY, Marlene Neves et al (Org.). Construções e perspectivas em gênero. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2000.

WIEVIORKA, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, 9, n. 1, maio 1997, p. 5-41.

VICENTE, C. M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org). *Família brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez, 1998. p.47-59.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 11, 53, 58, 59, 60, 61, 63, 117, 146

Acesso à justiça 15

Adolescência 107, 109, 125, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152

Adolescente 53, 132, 133, 134, 136, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152

Afrodscendente 103, 108, 113, 114

Agressores masculinos 26, 30

Ansiedade 58, 116, 117, 125, 126, 127, 130, 131

Arima 164, 169, 170, 171, 172

B

Bonecas da moda 64

C

Castidade 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Conselhos de saúde 42, 44, 45, 50, 51

Contrato social 1, 5, 6, 7, 13, 118

Criança 50, 53, 55, 58, 59, 64, 73, 75, 82, 120, 144, 145, 151

D

Desigualdades de gênero 1, 46

Direito internacional 42, 51

E

Empoderamento feminino 64, 65

Experiências 18, 22, 23, 24, 30, 34, 51, 66, 68, 69, 70, 96, 103, 104, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 143, 144, 148

F

Fallon fox 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162

Feminismos 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25

G

Género 10, 11, 12, 13, 14, 25, 28, 29, 37, 40, 41, 46, 48, 49, 52, 95, 98, 102, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Gênero 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,

33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 61, 63, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 128, 130, 131, 143, 146, 147, 152, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Grupos de estudo 103, 104

Grupos de intervenção 26, 31

I

Igualdade de gênero 45, 48, 49, 75, 87, 98, 164, 165, 166, 169, 173, 174

Importunação sexual 15, 16, 18, 19, 20, 25

Intervenção psicológica 26, 32

L

Lugar esportivo 154, 158

Lugar social 2, 3, 154, 158

M

Masculinidade 26, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 99, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 159, 160, 161, 163

México 26, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 52, 141, 142

Morte trágica 78

Mulheres 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 63, 64, 65, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 128, 129, 131, 147, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177

P

Participação popular 42, 167

Paternidade adolescente 132, 133, 134, 136, 140

Pertencimento racial 103, 104, 105

Pessoas Transgênero 154

Planos Municipais de Educação (PME) 90

Políticas públicas 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 59, 61, 82, 113, 119, 132, 133, 138, 142, 147, 174, 175

Promoção da saúde 143, 151

R

Representações femininas 1

Representações negras 64

S

Santarém 164, 166, 169, 170, 171, 174

Santidade 78, 80, 83, 85, 86, 87

Saúde da mulher 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 149

Semiárido 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Semiótica 64, 66

Sexualidade 8, 12, 18, 30, 41, 51, 84, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 116, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 176, 177, 178

Sufrimento 17, 31, 79, 80, 83, 116, 117, 120, 125, 126, 127, 129

T

Teorias da justiça 1

Trabalho formal 164, 166, 169, 171, 173, 174

V




Violência doméstica 11, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 79, 88

Violência masculina 26, 33, 39

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais e práticas educativas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br





 **Atena**
Editora

Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021